

# A modificação de grau de adjetivos em Karitiana

(Degree modification of adjectives in Karitiana)

**Luciana Sanchez-Mendes**

Departamento de Linguística – Universidade de São Paulo (USP)  
Unité Mixte de Recherche Structures Formelles du Langage (UMR 7023) – Université Paris 8 (Paris 8)  
sanchez.mendes@gmail.com

**Abstract:** This paper focuses on degree modification on the adjectival domain in Karitiana. More specifically, its aim is to analyze the scalar structures of adjectives modified by the adverb *pita* ('very'). This investigation is inspired by the general idea that the distribution and meaning of degree modifiers reveals the nature of the scalar structures involved (KENNEDY; MCNALLY, 2005).

**Keywords:** degree modification; adjectives; Indigenous languages.

**Resumo:** O objetivo deste artigo é descrever a modificação de grau no domínio adjetival na língua Karitiana. Mais especificamente, pretende-se analisar as estruturas escalares dos predicados adjetivais modificados pelo advérbio *pita* ('muito') na língua. O trabalho está apoiado na ideia geral de que a distribuição e o significado de modificadores de grau revelam a natureza das estruturas escalares envolvidas (KENNEDY; MCNALLY, 2005).

**Palavras-chave:** modificação de grau; adjetivos; línguas indígenas.

## Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar a modificação de adjetivos em Karitiana com o advérbio de grau *pita* ('muito'). Karitiana é uma língua indígena da família Arikém, tronco Tupi, falada por aproximadamente 320 pessoas do grupo de mesmo nome que vive em uma reserva localizada a 90 quilômetros de Porto Velho, Rondônia (STORTO; VANDER VELDEN, 2005).

O quadro teórico-metodológico em que se insere esta pesquisa é o da semântica formal. O objeto de interesse da semântica formal é a sentença. Por conta disso, embora a análise presente neste artigo seja de sintagmas adjetivais, os dados da língua sempre aparecerão em sentenças completas. Para a semântica formal, o significado de uma sentença são suas condições de verdade; ou seja, que condições devem ser encontradas no mundo para que a sentença seja considerada verdadeira. Essa é a razão de, muitas vezes, as sentenças virem acompanhadas de contextos em que podem ser proferidas, além de sua tradução. Os contextos têm o objetivo de revelar as condições de verdade da sentença. Nos trabalhos em semântica formal, as condições de verdade de uma sentença são expressas por meio de uma forma lógica em uma metalinguagem técnica. Neste artigo, as formas lógicas vão vir sempre acompanhadas de uma tradução informal em palavras.

O quadro teórico da semântica formal assume que a interpretação semântica é composicional. Isso quer dizer que o significado de uma sentença depende do significado de suas partes e de sua estrutura sintática, ou seja, de como as suas partes estão organizadas. Assim, a semântica formal procura investigar de que modo o significado de cada

parte de uma sentença contribui para as suas condições de verdade. Desse modo, o objetivo deste trabalho é investigar qual a contribuição semântica do advérbio *pita* para as condições de verdade das sentenças em que ele modifica adjetivos.

O advérbio de grau *pita* ('muito') modificando adjetivos tem uma distribuição particular em Karitiana. Em alguns casos, ele parece estar associado a um grau acima do normal em uma escala conveniente, como o *muito* do português. Em outros, no entanto, ele parece estar associado ao grau máximo da escala, expressando um significado de completude. O objetivo deste trabalho é investigar essa variação de significado buscando uma análise unificada para o uso de *pita* com adjetivos.

O artigo está dividido da seguinte forma: a próxima seção apresenta o quadro teórico da semântica de graus e escalas utilizado para a análise; as seções seguintes apresentam a distribuição e uma proposta de análise do advérbio *pita* com adjetivos. A última seção apresenta, por fim, as considerações finais.

## Semântica de graus e escalas

O objetivo desta seção é mostrar a motivação da teoria semântica que adota as noções de graus e de escalas em sua metalinguagem. Uma de suas justificativas está associada ao fato de que os modificadores de grau não podem ser tratados do mesmo modo que os outros modificadores. As sentenças (01) e (02) ilustram essa impossibilidade. Em (01b), a forma lógica da sentença (01a) cujo sujeito é modificado pelo adjetivo *bonito* está adequada. O modo clássico de representação de uma modificação é por meio de uma conjunção. A forma lógica indica que o agente do evento é menino e é também bonito. Em (02), por outro lado, não faz sentido dizer que o agente do evento é bonito e é muito. Por isso, a fórmula em (02b) não é adequada para representar as condições de verdade de (02a).

- (01) a. O menino bonito chegou.  
b.  $\exists e [ \text{chegar} (e) \ \& \ \text{Agente} (x)(e) \ \& \ \text{menino} (x) \ \& \ \text{bonito} (x) ]$   
[Existe um evento, esse é um evento de chegar, o agente desse evento é um indivíduo x que é menino e que é bonito.]
- (02) a. O menino muito bonito chegou.  
b.  $\exists e [ \text{chegar} (e) \ \& \ \text{Agente} (x)(e) \ \& \ \text{menino} (x) \ \& \ \text{bonito} (x) ]$   
[Existe um evento, esse é um evento de chegar, o agente desse evento é um indivíduo x que é menino, que é bonito, e que é muito.]

Dessa forma, modificadores como *muito* não podem ser analisados do mesmo modo que outros modificadores, como *bonito*. Para resolver problemas como esse, a semântica adota noções como graus e escalas. Segundo esse modelo, a modificação de grau é entendida como uma operação sobre predicados que são graduáveis. Predicados graduáveis possuem as seguintes propriedades: (i) são subdivididos em relativos e absolutos em relação a um parâmetro de comparação; (ii) possuem uma estrutura escalar (baseada em escalas) (KENNEDY, 1999; KENNEDY; MCNALLY, 2005). Cada uma dessas propriedades será apresentada em detalhes nas subseções que seguem.

## Parâmetro de comparação

O objetivo desta subseção é apresentar a divisão dos predicados graduáveis em relativos e absolutos (KENNEDY 1999; KENNEDY; MCNALLY, 2005). A proposta dessa divisão é separar os predicados de acordo com a sua relação com o contexto. Os predicados relativos são aqueles que dependem de um parâmetro de comparação contextual para serem interpretados, enquanto que os absolutos não possuem um parâmetro de comparação dependente do contexto. Por exemplo, *alto* é um predicado relativo porque sua denotação varia contextualmente. Para se atribuir a uma entidade a propriedade de *ser alto* é preciso se levar em conta em relação a que está sendo designada essa qualidade. Um indivíduo pode ser alto em comparação a seus irmãos e baixo em comparação ao time de basquete de seu colégio, por exemplo.

Já um adjetivo como *fechado* não tem seu parâmetro de comparação definido contextualmente. Não é necessário que se observe e se compare contextualmente o que é fechado para se afirmar que algo está fechado. Se uma porta for considerada fechada, não é possível encontrar um contexto que faça, em comparação com outras portas, ela ser considerada uma porta aberta. O quadro abaixo resume essas características:

**Quadro 1. Predicados graduáveis e sua relação com o parâmetro de comparação**

Tipos de Predicado	Relação com o Parâmetro de Comparação Contextual	Exemplos
Relativo	Dependente	<i>alto, baixo, caro, barato</i>
Absoluto	Independente	<i>aberto, fechado, cheio, vazio</i>

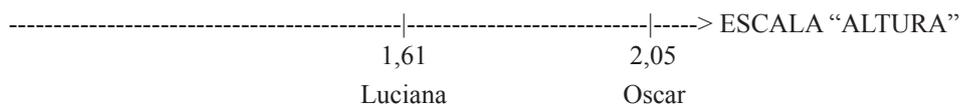
## Estrutura escalar

O objetivo desta subseção é demonstrar por que os predicados graduáveis são considerados predicados que estão associados a uma escala (cf. KENNEDY 1999; KENNEDY; MCNALLY, 2005). É comum se encontrar na literatura semântica uma relação entre graus e escalas. Kennedy (1999) afirma que a abordagem escalar para a investigação de grau é empiricamente superior à análise que não faz uso de escalas como a análise dos adjetivos como predicados vagos.<sup>1</sup> Vamos seguir a proposta de Kennedy (1999) e assumir que predicados graduáveis possuem estruturas escalares.

No modelo de Kennedy (1999), escalas são construtos formais definidos como um conjunto de graus. Elas podem ser consideradas metaforicamente como uma reta formada por graus ordenados em uma determinada dimensão (que pode ser “peso”, “altura”, “temperatura”, “comprimento”, etc.).<sup>2</sup> Cada dimensão está relacionada a uma escala diferente, ou seja, a dimensão “velocidade” está associada a uma escala de velocidade, a dimensão “altura” a uma escala de altura e assim por diante. Cada entidade pode ser associada a um grau de uma escala. Por exemplo, na escala de altura, o indivíduo Luciana, que tem 1,61 m de altura, está colocado em um grau abaixo do indivíduo Oscar, que mede 2,05 m. A Figura 1, abaixo, representa essa escala.

<sup>1</sup> Para um estudo da análise dos adjetivos graduáveis como predicados vagos ver Klein (1980).

<sup>2</sup> As dimensões das escalas estão sendo representadas entre aspas.



**Figura 1. Representação de uma escala**

Com o uso formal das escalas, é possível explicar estruturas linguísticas que expressam comparação em relação a uma dimensão. Uma vez que cada indivíduo está associado a um grau na escala, ele pode ser comparado aos demais.<sup>3</sup> Por exemplo, a sentença *Oscar é mais alto que Luciana* será verdadeira se, no contexto em que for usada, for possível estabelecer formalmente uma escala em que o indivíduo Oscar esteja associado a um grau que seja superior ao grau associado ao indivíduo Luciana. Um contexto associado a uma escala como a da figura acima seria um contexto em que a sentença é verdadeira.

Além disso, é possível marcar um grau na escala que corresponda ao que é considerado como o grau normal para aquela dimensão e contexto, possibilitando modificações de grau como *muito* e *pouco*, que são construídas em comparação a esse normal. Assim, por exemplo, um indivíduo é muito alto se está associado a um grau acima de um **n** que é assumido como normal de altura na escala construída para aquele contexto. Por exemplo, supondo que a altura normal para um ser humano adulto do sexo masculino que não seja jogador de basquete seja algo em torno de 1,75 m, como Oscar mede 2,05 m, ele pode ser considerado muito alto nesse contexto. É importante lembrar que o valor desse **n** normal varia segundo o contexto. Em um contexto em que Luciana tem 7 anos e está sendo comparada com as outras crianças dessa idade, medindo 1,61 m, ela será muito alta. Mas, se o padrão de comparação for de mulheres adultas jogadoras de basquete, ela será bastante baixa.

Segundo Kennedy e McNally (2005), as escalas são divididas em dois tipos: abertas e fechadas. Escalas abertas são aquelas que não possuem um grau mínimo ou máximo lexicalmente determinados. *Alto*, por exemplo, é um adjetivo de escala aberta, uma vez que não há lexicalmente definido um grau mínimo para algo ser considerado alto. Do mesmo modo, não há um grau máximo determinado para altura. Não existe um ponto máximo de altura a que uma entidade pode chegar. Por outro lado, as escalas fechadas possuem um grau mínimo e um grau máximo determinados. Por exemplo, *cheio* e *vazio* são adjetivos de escala fechada. A escala “ocupação” associada a esses adjetivos possui um grau mínimo, associado a *vazio*, e um grau máximo, associado a *cheio*.<sup>4</sup>

Os adjetivos de escala fechada podem aparecer em sentenças com o advérbio *completamente*, como se pode ver na sentença (03):

- (03) O copo está completamente cheio/vazio.

Uma vez que não há um ponto em que se pode fechar a escala, os adjetivos de escala aberta não podem ser usados com *completamente*, como se vê em (04).

- (04) \*O jogador é completamente alto.

3 A palavra *indivíduo* está sendo tomada aqui do ponto de vista da semântica formal, em oposição ao conceito de predicado. Indivíduos não são, necessariamente, pessoas.

4 Há ainda adjetivos de escala fechada que têm apenas um dos polos fechados. Por exemplo, *silencioso/barulhento* são fechados apenas no grau mínimo representado pelo *silencioso*, enquanto que *perigoso/seguro* são fechados apenas no grau máximo representado por *seguro*.

A estrutura da escala influencia na escolha do parâmetro de comparação contextual, descrito na subseção anterior. Adjetivos associados a escalas totalmente abertas (como *alto*) estão relacionados a parâmetros de comparação relativos, ou seja, dependentes do contexto; enquanto que adjetivos graduáveis de escalas fechadas (como *cheio*) relacionam-se a padrões absolutos, ou seja, independentes do contexto. As relações dessas características estão sintetizadas no quadro abaixo:

**Quadro 2. Estrutura escalar e parâmetro de comparação**

Natureza do predicado quanto ao parâmetro de comparação	Natureza do predicado quanto à estrutura escalar	Exemplos
Relativo	Predicado de escala aberta	alto, baixo
Absoluto	Predicado de escala fechada	cheio, vazio

### Relevância do parâmetro de comparação e da estrutura escalar

Esta seção pretende mostrar que a divisão apresentada acima de diferentes tipos de predicados graduáveis é uma classificação que tem respaldo descritivo. A distinção baseada no parâmetro de comparação e na estrutura escalar é bastante relevante, sobretudo na investigação da distribuição e do significado de modificadores.

Kennedy e McNally (2005) investigaram a distribuição dos modificadores do inglês *very*, *much* ('muito') e *well* ('bem') com adjetivos deverbais. A observação dos autores é de que esses advérbios apresentam uma distribuição complementar que não é possível de ser explicada apenas do ponto de vista sintático. Os dados em (05), abaixo, mostram que esses modificadores selecionam diferentes tipos de adjetivos:

- (05) a. Al was very (??well/??much) surprised by the results of the election.  
 'Al estava muito surpreso com o resultado das eleições.'  
 b. Their vacation was much (??well/??very) needed.  
 'As suas férias eram muito necessárias.'  
 c. Martin Beck was well (??much/??very) acquainted with the facts of the case.  
 'Martin Beck estava bem familiarizado com os fatos do caso.'

(KENNEDY; MCNALLY, 2005, p. 1)

Segundo Kennedy e McNally (2005), a distribuição desses três advérbios está relacionada à tipologia das escalas associadas aos adjetivos que são modificados nas sentenças, assim como à relação desses adjetivos com o parâmetro de comparação. O advérbio *very*, por exemplo, só pode ser usado com adjetivos relativos, como *surprised* ('surpreso'), em (05a). *Surprised* é um predicado relativo porque possui um parâmetro de comparação dependente do contexto: quando se diz que Al estava muito surpreso, leva-se em conta outras possíveis situações de Al ficar surpreso. O possível uso de *very* com adjetivos absolutos está associado a uma relativização do adjetivo. Por exemplo, em (06) abaixo, o uso do adjetivo *empty* ('vazio') foi relativizado, uma vez que não se trata de *vazio* em seu sentido absoluto, sem garçons, clientes, ou móveis, mas de um uso impreciso que, na realidade, quer dizer, *quase vazio*. Os autores não avançam muito nesse uso, mas o utilizam apenas para mostrar que a característica de *very* selecionar apenas predicados relativos é tão forte que seu uso com predicados absolutos os relativiza.

- (06) The restaurant is very empty tonight.  
'O restaurante está muito vazio esta noite.'

(KENNEDY; MCNALLY, 2005, p. 371)

Já o advérbio *much* é um modificador que tem uma interpretação muito similar à de *very*. No entanto, *much* só pode ser utilizado com adjetivos que são fechados no seu grau mínimo, como ilustrado na sentença (05b) acima. *Needed* ('necessário') é um adjetivo de escala fechada em grau mínimo, ou seja, não há um grau máximo de algo ser necessário, mas há um grau mínimo. O teste feito para se certificar que um adjetivo possui uma escala fechada no seu grau mínimo é o seguinte:

- (07)  $X \text{ não é } A \models X \text{ não tem nenhuma } A\text{-dade}$

A representação em (07) quer dizer que *A* é um adjetivo de escala fechada no grau mínimo se passar pelo seguinte teste de acarretamento: Se *X não é A* é verdadeira, então necessariamente *X não tem nenhuma A-dade* é verdadeira. Por exemplo, *necessário* é um adjetivo de escala fechada em seu grau mínimo porque ele passa pelo teste em (08):

- (08)  $X \text{ não é necessário} \models X \text{ não tem nenhuma necessidade}$

Ou seja, se *X não é necessário*, isso acarreta que esse *X não tem nenhuma necessidade*. Outros adjetivos que passam pelo mesmo teste e que são, portanto, predicados de escala fechada no grau mínimo são: *criticized* ('criticado'), *praised* ('elogiado') e *appreciated* ('apreciado').

Por fim, o advérbio *well* pode ser usado apenas com adjetivos de escalas totalmente fechadas, ou seja, os adjetivos absolutos. O dado (05c), repetido abaixo em (09), apresenta uma sentença com *well* e o adjetivo *acquainted* ('familiarizado'). Esse é um adjetivo absoluto porque, uma vez que se está familiarizado com algo, não é possível ficar ainda mais familiarizado, ou, ainda, não é preciso se comparar outras situações de Martin Beck estar familiarizado para atribuir-lhe essa qualidade.<sup>5</sup>

- (09) Martin Beck was well (??much/??very) acquainted with the facts of the case.  
'Martin Beck estava bem familiarizado com os fatos do caso.'

Uma característica singular de *well* que o diferencia de *very* e *much* é que ele relativiza o adjetivo, devolvendo, no fim da operação, um predicado relativo, ou seja, de escala aberta. Isso explica por que um adjetivo que já foi modificado por *well* pode ainda ser modificado por *very*, que só pode ocorrer com predicados relativos, como se vê em (10), abaixo. *Aware* ('consciente') é um adjetivo absoluto, de escala fechada, por isso *well* pode modificá-lo. O predicado resultante *well aware* ('bem consciente') tem, por sua vez, escala aberta (não há um grau máximo para se ficar bem consciente); ele pode, portanto, ser modificado por *very*.

- (10) They remained very well aware of the difficulties that might arise from their analysis.  
'Eles ficaram muito bem conscientes das dificuldades que poderiam surgir de sua análise.'

(KENNEDY; MCNALLY, 2005, p. 32)

<sup>5</sup> Essa subseção é baseada nas afirmações de Kennedy e McNally (2005) para o inglês. Seria interessante fazer uma investigação aprofundada dessas questões em português, mas isso foge do escopo deste trabalho.

Esta subseção mostrou que a divisão dos predicados graduáveis em relativos e absolutos e de escala aberta e fechada é relevante para a análise dos modificadores de grau. Ela pode auxiliar na análise da distribuição e significado de modificadores de grau, como no caso adjetivos deverbais do inglês modificados por *very*, *much* e *well*.<sup>6</sup> A próxima seção discute essas classes de adjetivos em sentenças modificadas por *pita* ‘muito’ em Karitiana.

### Sintagmas adjetivais modificados por *pita*

O objetivo desta seção é apresentar a distribuição de *pita* modificando sintagmas adjetivais em Karitiana. Os adjetivos em Karitiana não apresentam nenhuma marca especial que os identifique como pertencentes a uma classe lexical independente. Por questões de simplificação, estamos considerando como adjetivos as palavras capazes de modificar substantivos na língua.

A distribuição de *pita* mostra que o advérbio pode ser usado tanto com adjetivos de escala aberta, os relativos, quanto com adjetivos de escala fechada, os absolutos. No entanto, seu significado parece variar em cada contexto, consequência que aparece na tradução. Os dados de (11) a (14) abaixo mostram *pita* modificando os adjetivos de escala aberta *se’a* (‘bom’), *am’aabm* (‘difícil’), *ty* (‘grande’) e *ina* (‘pequeno’), respectivamente. Nesses casos, o advérbio tem um comportamento parecido com o *muito* do português: ele seleciona um grau acima do normal associado à escala do adjetivo.

- (11) [Ōwã se’a pita] i-otam-Ø.<sup>7</sup>  
 menino bom muito PART-chegar-ABS<sup>8</sup>  
 ‘O menino muito bom chegou.’
- (12) João Ø-naka-m-’a-t [kinda am’aabm pita].  
 João 3-DECL-CAUS-fazer-NFUT coisa difícil muito  
 ‘O João fez o exercício muito difícil.’
- (13) [Ōwã ty pita] i-otam-Ø.  
 menino grande muito PART-chegar-ABS  
 ‘O menino muito grande chegou.’
- (14) [Ōwã ina pita] i-otam-Ø.  
 menino pequeno muito PART-chegar-ABS  
 ‘O menino muito pequeno chegou.’

Os exemplos abaixo mostram que, por outro lado, quando *pita* é utilizado com adjetivos de escala fechada, ele seleciona o grau máximo da escala e tem um significado

6 Ver Kennedy e McNally (2005) para os detalhes da análise dos autores para a semântica desses modificadores.

7 Os dados da língua Karitiana são apresentados da seguinte forma: primeira linha – transcrição ortográfica da sentença em Karitiana com a separação dos morfemas; segunda linha – glosa de cada morfema da sentença; terceira linha – tradução para a língua portuguesa. A tradução apresentada foi aquela oferecida pelo consultor no momento da coleta. As sentenças podem ter outras traduções possíveis. As abreviações usadas para os morfemas são as seguintes: 3 = concordância de terceira pessoa; ABS = concordância absolutiva; CAUS = causativo; DECL = modo declarativo; NFUT = tempo não futuro; OBL = oblíquo; PART = participio.

8 As sentenças com verbos intransitivos aparecem em uma construção de cópula. Storto (2010) propõe que sentenças de cópula são estruturas bi-sentenciais em Karitiana. O verbo de cópula *aka* seleciona uma minioração nominalizada como complemento.

parecido com o de *completamente* do português. Os dados de (15) a (18) mostram *pita* modificando os adjetivos de escala fechada *akydop* ('aberto'), '*akydno*' ('fechado'), *piyywyp* ('vazio') e *osyk* ('cheio'), respectivamente.

- (15) [Karamatoom akydop pita] i-pot-Ø.  
 porta aberto muito PART-quebrar-ABS  
 'A porta completamente aberta quebrou.'
- (16) [Karamatoom akydno pita] i-pot-Ø.  
 porta fechado muito PART-quebrar-ABS  
 'A porta completamente fechada quebrou.'
- (17) [Ombi piyywyp pita] i-ywym-Ø.  
 Cesto vazio muito PART-sumiu-ABS  
 'O cesto completamente vazio sumiu.'
- (18) [Ombi osyk pita] i-ywym-Ø.  
 cesto cheio muito PART-sumiu-ABS  
 'O cesto completamente cheio sumiu.'

Os dados acima mostraram que *pita* tem um comportamento dependente do tipo de predicado adjetival que modifica. Quando ocorre com predicado adjetival de escala aberta, ele determina um grau acima do normal da escala associada ao adjetivo. Nesses casos, ele é traduzido para o *muito* do português. Já quando ocorre com predicado de escala fechada, *pita* seleciona o grau máximo da escala e é traduzido por *completamente* nessas sentenças. A próxima seção apresenta uma proposta de análise uniforme para o uso de *pita* nesses dois contextos.

## Proposta

O objetivo desta seção é apresentar uma análise para o advérbio *pita* que explique seu uso com adjetivos de escalas abertas e fechadas. A base da proposta está em considerar que o grau normal associado a adjetivos de escala aberta tem uma semelhança com o grau máximo de adjetivos de escala fechada. Essa semelhança fica evidente, por exemplo, em sentenças com adjetivos escalares não modificadas.

Observe o par de sentenças abaixo. Embora as sentenças apresentem adjetivos associados a escalas de natureza diferentes (um é de escala aberta e outro, fechada), a predicação nos dois casos parece ocorrer de modo bastante semelhante. Em (19a), o menino está associado a um normal na escala de bondade, enquanto que, em (19b), o cesto está associado ao grau máximo na escala de ocupação.

- (19) a. Õwã i-se'a-t.<sup>9</sup>  
 menino PART-bom-ABS  
 'O menino é bom'
- b. Ombi i-osyk-Ø.  
 cesto PART-cheio-ABS  
 'O cesto está cheio'

<sup>9</sup> Em Karitiana, o verbo da cópula pode ser omitido. Ver Storto (2010) para uma análise detalhada da construção de cópula na língua.

Segundo a teoria semântica que leva em conta graus e escalas, uma predicação com adjetivos não modificados é feita segundo uma função POS (KENNEDY; MCNALLY, 2005). A função POS é uma função que aparece em predicacões como as de (19a) e (19b), sem modificadores de grau. Ela é definida da seguinte forma:

$$(20) \quad [[ \text{POS} ]] = [ \lambda G_{\langle d, \langle e, t \rangle \rangle} \cdot [ \lambda x_{\langle e \rangle} \cdot \exists d [ \text{padrão}(d)(G)(C) \ \& \ G(d)(x) ] ] ]$$

[A função POS é uma função que pega um argumento de tipo graduável  $G$  e devolve um predicado de indivíduos  $x$  em que a variável de grau  $d$  é presa por um quantificador existencial. O resultado é uma relação padrão (do inglês *standard*) entre o predicado  $G$ , o grau  $d$  e uma classe de comparação  $C$  determinada contextualmente e a aplicação do predicado  $G$  ao grau  $d$  e ao indivíduo  $x$ .]

A função POS tem o papel de prender a variável de grau que tanto os adjetivos de escala aberta quanto os de escala fechada possuem. As representações abaixo mostram a denotação dos adjetivos *se'a* ('bom') e *osyk* ('cheio').

$$(21) \quad \text{a. } [[ \text{se}'a ] ] = \lambda d. \lambda x. \text{ "bondade" } (x) = d$$

[*se'a* é uma função que pede um argumento de grau  $d$  e um argumento de indivíduos  $x$  e devolve um sentença que afirma que a bondade de  $x$  é  $d$ .]

$$\text{b. } [[ \text{osyk} ] ] = \lambda d. \lambda x. \text{ "ocupação" } (x) = d$$

[*osyk* é uma função que pede um argumento de grau  $d$  e um argumento de indivíduos  $x$  e devolve um sentença que afirma que a ocupação de  $x$  é  $d$ .]

Quando os adjetivos entram em uma predicação simples, sem modificadores, como as representadas em (19), o grau  $d$  da denotação é preso pela função POS. O resultado dos adjetivos com a função é o seguinte:

$$(22) \quad \text{a. } [[ \text{POS} + \text{se}'a ] ] = \lambda x_{\langle e \rangle} \cdot \exists d [ \text{padrão}(d)([[ \text{se}'a ] ])(C) \ \& \ \text{ "bondade" } (x) = d ]$$

[A forma positiva de *se'a* é uma função que pede um argumento de indivíduos  $x$  e devolve uma sentença que diz que existe um grau  $d$  que é o grau padrão do adjetivo *se'a* em relação a uma classe de comparação  $C$  e a bondade de  $x$  é  $d$ .]

$$\text{b. } [[ \text{POS} + \text{osyk} ] ] = \lambda x_{\langle e \rangle} \cdot \exists d [ \text{padrão}(d)([[ \text{osyk} ] ])(C) \ \& \ \text{ "ocupação" } (x) = d ]$$

[A forma positiva de *osyk* é uma função que pede um argumento de indivíduos  $x$  e devolve uma sentença que diz que existe um grau  $d$  que é o grau padrão do adjetivo *osyk* em relação a uma classe de comparação  $C$  e a ocupação de  $x$  é  $d$ .]

Levando em conta que tanto no caso de adjetivos de escala aberta, quanto de escala fechada, o grau relevante para a predicação sem modificador pode ser traduzido em termos do grau padrão em relação a uma classe de comparação, é possível propor uma semântica para *pita* de modo que o modificador manipule esse grau padrão. A proposta para a entrada lexical de *pita* está em (23):

$$(23) \quad [[ \text{pita} ] ] = \lambda G_{\langle d, \langle e, t \rangle \rangle} \cdot \lambda x_{\langle e \rangle} \cdot \exists d [ d \geq N \ \& \ G(d)(x) ]$$

[*pita* é uma função que pede um argumento graduável  $G$  e um argumento de indivíduos  $x$  e devolve uma sentença que afirma que existe um grau  $d$  que é maior ou igual a  $N$  e aplica a função graduável em  $x$  e  $d$ ]

Na fórmula em (23),  $N$  representa o grau relevante em cada tipo de adjetivo. Se o adjetivo tem escala aberta, o grau  $N$  é representado pelo grau normal da escala, e a semântica do advérbio é de que o grau  $d$  é maior que o grau normal. Se o adjetivo for de escala

fechada, o grau N é representado pelo grau máximo da escala, e o significado do advérbio é de que o grau *d* é igual ao grau máximo da escala. O quadro abaixo resume a proposta.

**Quadro 3. Proposta para o significado de *pita***

Tipo de Predicado Modificado	Valor de N	Fórmula Específica
escala aberta	N = normal	$\lambda G. \lambda x. \exists d [ d > \text{normal} \ \& \ G(d)(x) ]$
escala fechada	N = max	$\lambda G. \lambda x. \exists d [ d = \text{max} \ \& \ G(d)(x) ]$

Dessa forma, é possível derivar o significado de *pita* modificando adjetivos de escala aberta ou fechada.

- (24) a.  $[[ \textit{se}'a \textit{pita} ] ] = \lambda x_{\langle e \rangle}. \exists d [ d > \text{normal} \ \& \ \text{“bondade”}(x) = d ]$   
 [O sintagma *se'a pita* é uma função que pede um argumento de indivíduos *x* e devolve uma sentença que diz que existe um grau *d* que é maior que o grau normal da escala e a bondade de *x* é *d*.]
- b.  $[[ \textit{osyk} \textit{pita} ] ] = \lambda x_{\langle e \rangle}. \exists d [ d = \text{max} \ \& \ \text{“ocupação”}(x) = d ]$   
 [O sintagma *osyk pita* é uma função que pede um argumento de indivíduos *x* e devolve uma sentença que diz que existe um grau *d* que é igual ao grau máximo da escala e a ocupação de *x* é *d*.]

As representações abaixo mostram as formas lógicas de sentenças com os adjetivos modificados representados em (24). As fórmulas apresentadas em (25b) e (26b) mostram que a proposta de formalização leva ao resultado desejado, ou seja, a fórmula representa adequadamente as condições de verdade da sentença.

- (25) a. *Se'a pita-t*            *ōwã*.<sup>10</sup>  
 bom muito-ABS menino  
 ‘O menino é muito bom’
- b.  $[[ \textit{se}'a \textit{pita}t \ \dot{o}w\tilde{a} ] ] = 1 \text{ sse } \exists x. \exists d. [ d > \text{normal} \ \& \ \text{menino}(x) \ \& \ \text{“bondade”}(x) = d ]$ <sup>11</sup>  
 [A sentença *se'a pitat ōwã* é verdadeira se existe um menino *x* e um grau *d* tal que a bondade de *x* é *d* e *d* é maior que o grau normal da escala.]
- (26) a. *Osyk pita-t*            *ombi*.  
 cheio muito-ABS cesto  
 ‘O cesto está muito cheio’
- b.  $[[ \textit{osyk} \textit{pita}t \ \textit{ombi} ] ] = 1 \text{ sse } \exists x. \exists d. [ d = \text{max} \ \& \ \text{cesto}(x) \ \& \ \text{“ocupação”}(x) = d ]$   
 [A sentença *osyk pitat ombi* é verdadeira se existe um cesto *x* e um grau *d* tal que a ocupação de *x* é *d* e *d* é igual ao grau máximo da escala.]

10 Em uma predicação como a de (25) e (26), há uma inversão entre o argumento e o predicado. Além disso, *pita* aparece com um sufixo  $\{-t\}$  que parece estar associado com a cópula. Por isso, sua glosa de ABS. No entanto, essa mudança de ordem e o aparecimento do sufixo merecem uma investigação mais aprofundada.

11 Os sintagmas nominais em Karitana não têm determinantes nem marcas de número (MÜLLER; STORTO; COUTINHO-SILVA, 2006). Por questões de simplificação, estamos considerando os substantivos em Karitana como indefinidos tradicionais introdutores de um quantificador existencial (à la RUSSELL, 1905) a despeito de sua tradução definida.

## Considerações finais

Este artigo mostrou que o modificador de grau *pita* do Karitiana não parece selecionar exclusivamente nenhum tipo de escala, diferentemente do que ocorre com os modificadores de grau do inglês. A interpretação de *pita* parece variar de acordo com o predicado modificado. Se o predicado adjetival é de escala aberta, seu significado é algo como “acima de um grau normal na escala”, semântica usualmente atribuída ao modificador *muito*. Se o predicado é de escala fechada, sua interpretação é “no grau máximo da escala”, significado de *completamente*. O artigo defendeu que, a despeito dessa variação, é possível oferecer uma análise unificada para as sentenças contendo adjetivos modificados por *pita* por meio de uma entrada lexical única para o advérbio. Os dados do Karitiana revelam que há uma certa semelhança entre o grau normal de uma escala aberta e o grau máximo de uma escala fechada.

## REFERÊNCIAS

KENNEDY, C. *Projecting the adjective: the syntax and semantics of gradability and comparison*. New York: Garland. 1999.

KENNEDY, C.; MCNALLY, L. Scale Structure, Degree Modification, and the Semantics of Gradable Predicates. *Language*, v. 81, n. 2, p. 345-381, 2005.

KLEIN, E. A semantics for positive and comparative adjectives. *Linguistics and Philosophy*, v. 4, p. 1-45, 1980.

RUSSELL, B. On Denoting. *Mind*, v. 14, p. 479-493, 1905.

STORTO, L. Copular constructions in Karitiana: a case against case movement. In: LIMA, S. (Ed.) *University of Massachusetts Occasional Papers 41: Proceedings of SULA 5: Semantics of Under-Represented Languages in the Americas*. Amherst: GLSA/The University of Massachusetts, 2010.

STORTO, L.; VANDER VELDEN, F. F. Karitiana. In: \_\_\_\_\_. *Povos Indígenas do Brasil*. 2005. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/karitiana>>. Acesso em: 1 fev. 2009.